

TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO: 1960–2022

DEMOGRAPHIC TRANSITION AND POPULATION AGING IN MICROREGION OF FRANCISCO BELTRÃO: 1960–2022

TRANSICIÓN DEMOGRÁFICA Y ENVEJECIMIENTO POBLACIONAL EN LA MICRORREGIÓN FRANCISCO BELTRÃO: 1960-2022

Carlos Cassemiro Casaril¹

Romilda de Souza Lima²

Kérley Braga Pereira Bento Casaril³

Resumo: O envelhecimento populacional tem se destacado como uma das principais características demográficas no Brasil nas últimas décadas. Enquanto países desenvolvidos vivenciam esse processo há mais tempo, em nações em desenvolvimento, como o Brasil, ele se intensificou a partir da segunda metade do século XX, em decorrência da queda da fecundidade e do aumento da expectativa de vida. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo analisar o processo de transição demográfica e o envelhecimento populacional na microrregião de Francisco Beltrão (PR), entre 1970 e 2022, com ênfase no município-polo. Foram utilizados dados dos Censos Demográficos do IBGE, considerando a população residente por sexo e faixa etária. Os resultados evidenciaram que, embora o padrão regional acompanhe a tendência nacional, há especificidades, como a migração seletiva de jovens e adultos economicamente ativos para outras localidades, o que contribui para o aumento proporcional da população idosa. Observou-se, no período analisado, a transição de uma estrutura etária jovem, com base larga nas pirâmides populacionais, para um perfil mais envelhecido, marcado pela redução da população de 0 a 14 anos e pelo crescimento da faixa etária de 60 anos ou mais. Constatou-se, ainda, a predominância da população urbana, com concentração de serviços e oportunidades no município de Francisco Beltrão. Tais mudanças trazem desafios às políticas públicas, especialmente nas áreas de saúde, previdência e mercado de trabalho, exigindo ações intersetoriais voltadas à retenção de jovens, à promoção do envelhecimento saudável e à adequação da rede assistencial ao novo perfil epidemiológico, caracterizado pelo aumento das doenças crônicas.

Palavras-chave: censos demográficos; dinâmica populacional; envelhecimento; estrutura populacional; pirâmide etária.

¹Professor Adjunto na Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus de Paranavaí (PR). Doutor em Geografia (área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Email: carlos.casaril@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9139-3919>.

²Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Doutora em Extensão Rural - Área de Concentração: Cultura, Processos Sociais e Conhecimento pela Universidade Federal de Viçosa. Email: romislma2@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0968-0044>.

³Professora associada na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, UNIOESTE. Doutora em Ciência de Alimentos pela Universidade Estadual de Londrina. Email: kcasaril@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0003-4190-5546>.

Abstract: Population aging has emerged as one of the main demographic features in Brazil in recent decades. While developed countries have experienced this process for a longer period, in developing nations such as Brazil, it has intensified since the second half of the 20th century, due to declining fertility rates and increased life expectancy. In this context, this study aimed to analyze the demographic transition process and population aging in the microregion of Francisco Beltrão (Paraná), between 1970 and 2022, with emphasis on the main municipality. Data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) Demographic Censuses were used, considering the resident population by sex and age group. The results showed that, although the regional pattern follows the national trend, there are specificities, such as selective migration of young and economically active adults to other locations, which contributes to the proportional increase of the elderly population. Over the analyzed period, a transition was observed from a young age structure, with a wide base in population pyramids, to an older profile, marked by the reduction of the 0–14-year-old population and the growth of the age group of 60 years or older. The predominance of the urban population was also noted, with services and opportunities concentrated in the municipality of Francisco Beltrão. These changes pose challenges to public policies, especially in the areas of health, social security, and the labor market, requiring intersectoral actions aimed at retaining young people, promoting healthy aging, and adapting the care network to the new epidemiological profile, characterized by an increase in chronic diseases.

Keywords: demographic censuses; population dynamics; aging; population structure; age pyramid.

Resumen: El envejecimiento poblacional se ha convertido en una de las principales características demográficas de Brasil en las últimas décadas. Si bien los países desarrollados han experimentado este proceso durante un período más prolongado, en países en desarrollo, como Brasil, se intensificó desde la segunda mitad del siglo XX, debido a la disminución de las tasas de fertilidad y al aumento de la esperanza de vida. En este contexto, este estudio tuvo como objetivo analizar el proceso de transición demográfica y el envejecimiento poblacional en la microrregión de Francisco Beltrão (PR) entre 1970 y 2022, con énfasis en el municipio central. Se utilizaron datos del Censo Demográfico del IBGE, considerando la población residente por sexo y grupo de edad. Los resultados mostraron que, si bien el patrón regional siguió la tendencia nacional, existen factores específicos, como la migración selectiva de jóvenes y adultos económicamente activos a otros lugares, que contribuyen al aumento proporcional de la población anciana. Durante el período analizado, se observó una transición desde una estructura de edad joven, con una amplia base en pirámides poblacionales, hacia un perfil más envejecido, marcado por una reducción de la población de 0 a 14 años y un crecimiento del grupo de 60 años o más. También se observó un predominio de la población urbana, con una concentración de servicios y oportunidades en el municipio de Francisco Beltrão. Estos cambios plantean desafíos a las políticas públicas, especialmente en las áreas de salud, seguridad social y mercado laboral, requiriendo acciones intersectoriales dirigidas a retener a los jóvenes, promover un envejecimiento saludable y adaptar la red de atención sanitaria al nuevo perfil epidemiológico, caracterizado por el aumento de las enfermedades crónicas.

Palabras clave: censos demográficos; dinámica poblacional; envejecimiento; estructura poblacional; pirámide de edad.

Introdução

Nas últimas décadas, o Brasil tem passado por transformações significativas em sua estrutura etária, marcadas pelo rápido envelhecimento populacional. A pirâmide etária, antes caracterizada por uma base larga, indicativa de elevada proporção de jovens, vem apresentando estreitamento nas faixas iniciais e alargamento do topo, reflexo da redução das taxas de natalidade e do aumento da longevidade. Esse processo de transição demográfica resulta da combinação de fatores como avanços médicos, melhoria das condições de vida, ampliação do acesso à saúde e mudanças nos padrões reprodutivos e sociais. Apesar de ser um fenômeno nacional, sua intensidade e velocidade variam entre regiões, gerando realidades distintas.

Este estudo analisa a questão da transição demográfica, utilizando dados censitários para identificar alterações na composição etária e suas implicações socioeconômicas. A abordagem analisa particularidades da microrregião geográfica de Francisco Beltrão, evidenciando aspectos como a predominância urbana e o crescimento proporcional da população idosa.

Sabe-se que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou uma divisão regional mais recente que substituiu as Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, apresentadas em 1989 e publicada em 1990 (IBGE, 1990), por Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias (IBGE, 2017). A mudança reflete a crescente diferenciação interna do território brasileiro devido a mudanças econômicas, demográficas, políticas e ambientais nas últimas três décadas.

As Regiões Geográficas Imediatas são baseadas na rede urbana, atendendo necessidades imediatas da população, como compras e trabalho. As Regiões Geográficas Intermediárias, por sua vez, ficam entre as Unidades da Federação e as Regiões Geográficas Imediatas, geralmente incluindo Metrópoles ou Capitais Regionais (IBGE, 2017).

Porém, vale destacar que está análise é desdobramento de artigo anterior (Bento; Casaril, 2004) e, a partir de uma análise comparativa, os resultados anteriores e os avanços deste estudo serão apresentados na parte final deste artigo. Destaca-se que o Estado do Paraná ainda organiza seus serviços com base em Mesorregiões e Microrregiões. Nesse mesmo sentido, a Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná (AMSOP) adota

essa forma de regionalização em sua estrutura. Assim, este trabalho utiliza a microrregião geográfica como unidade de análise.

O objetivo deste trabalho foi investigar o processo de transição demográfica e o envelhecimento populacional na microrregião de Francisco Beltrão, entre 1960 e 2022, com destaque para o município-polo, buscando compreender como esses fenômenos se manifestam no território e em que medida diferem ou se aproximam do cenário brasileiro.

O artigo está dividido em cinco partes que se complementam na análise do envelhecimento populacional na microrregião de Francisco Beltrão. Esta introdução, seguida pelo referencial teórico que apresenta o contexto da transição demográfica brasileira, destacando suas manifestações regionais. Os materiais e métodos descrevem a abordagem censitária e os critérios de agrupamento etário utilizados na pesquisa. Nos resultados e discussões, o texto se organiza em duas etapas: a primeira analisa a transição demográfica da microrregião por meio de pirâmides etárias, revelando mudanças na base populacional; a segunda examina o avanço da população idosa e os efeitos da migração seletiva de jovens, que intensificam o envelhecimento local. As considerações finais apontam os desafios dessa nova configuração etária e reforçam a urgência de políticas públicas integradas voltadas à saúde, previdência e retenção da juventude. O artigo encerra com as referências que fundamentam a análise.

Referencial teórico

O envelhecimento populacional configura-se como um fenômeno global, resultante do processo de transição demográfica vivenciado por diferentes sociedades. Essa transição refere-se à mudança nos padrões de crescimento populacional e é definida como a passagem de uma população com altas taxas de mortalidade e fecundidade para baixas taxas, fenômeno associado ao desenvolvimento tecnológico e à modernização (Travassos *et al.*, 2020).

Warren Thompson foi o pesquisador pioneiro na teoria da transição demográfica, em 1929 (Travassos *et al.*, 2020; Ribeiro, 2023). Contudo, foi Frank Wallace Notestein, em 1945, quem cunhou o termo “transição demográfica” (Ribeiro, 2023). Essa teoria descreve um conjunto de transformações sequenciais pelas quais as populações tendem a passar, partindo de elevadas taxas de natalidade e mortalidade até atingir níveis significativamente reduzidos desses indicadores. O modelo é tradicionalmente dividido

em quatro estágios principais, que se manifestam de forma heterogênea entre os países, de acordo com suas particularidades históricas, econômicas e sociais.

O primeiro estágio, denominado pré-industrial, caracteriza-se por alta fertilidade e mortalidade, resultando em baixo crescimento populacional. O segundo, de industrialização/urbanização, apresenta redução da mortalidade, com a fertilidade ainda elevada, gerando rápido crescimento. O terceiro estágio, de maturidade industrial, ocorre quando a fertilidade diminui e a mortalidade permanece baixa. No quarto estágio, chamado pós-industrial, tanto a fertilidade quanto a mortalidade são baixas, novamente resultando em baixo crescimento populacional (Zuanazzi; Stampe, 2014).

Segundo Guimarães e Andrade (2021), a teoria formulada por Thompson baseia-se nas mudanças observadas nas taxas de nascimento e morte nas sociedades industrializadas nos dois séculos anteriores (Caldwell, 2006). Inicialmente, ocorre queda nas taxas de mortalidade, enquanto a natalidade se mantém alta. Em seguida, há crescimento vegetativo positivo, levando ao aumento expressivo da população (Rigotti, 2012).

No Brasil, não há consenso sobre o início desse processo. Porém, para Vasconcelos e Gomes (2012), a partir da segunda metade do século XX a população brasileira passou por diversas transformações. Nas décadas de 1950 e 1960, primeiro estágio, a queda nas taxas de mortalidade, especialmente a infantil, e o aumento da esperança de vida resultaram em elevado crescimento populacional. Nesse período, a mortalidade declinou, mas a natalidade e a fecundidade mantiveram-se elevadas (acima de 40 nascimentos por mil habitantes e mais de seis filhos por mulher ao final da vida reprodutiva), levando às taxas de crescimento mais altas da história do país: 3,1% e 2,9% ao ano, respectivamente (Vasconcelos; Gomes, 2012).

Na fase inicial da transição demográfica brasileira, observa-se a redução da mortalidade, enquanto a natalidade permanece alta. Como resultado, intensifica-se o crescimento populacional, com maior proporção de jovens na estrutura etária (Vasconcelos; Gomes, 2012). A segunda fase iniciou-se de forma incipiente na década de 1960 e consolidou-se a partir dos anos 1970, quando censos revelaram quedas significativas nas taxas de fecundidade, natalidade e mortalidade (Vasconcelos; Gomes, 2012). Essa transformação foi impulsionada por fatores como urbanização, aumento da escolaridade, especialmente entre mulheres, maior inserção feminina no mercado de

trabalho e ampliação do acesso a métodos contraceptivos e ao planejamento familiar (Cunha; Vasconcelos, 2016; Chaimowicz; Chaimowicz, 2019; Alves, 2022)

Nesta segunda etapa, iniciada em 1960, a queda da natalidade soma-se à continuidade da redução da mortalidade, o que desacelera o crescimento populacional e modifica a composição etária, dando início ao envelhecimento populacional (Vasconcelos; Gomes, 2012). O rápido crescimento demográfico da segunda fase desacelera-se com a queda da fecundidade, que caracteriza o início da terceira fase (De Pintor, Da Silva; Rippel, 2014). Com a queda da mortalidade e da fecundidade, “[...] o crescimento populacional torna-se muito lento, nulo, ou até negativo” (Brito *et al.*, 2007, p. 8).

O Brasil encontra-se atualmente na fase mais avançada de sua transição demográfica, marcada por mudanças significativas na estrutura etária. A pirâmide etária, antes com formato triangular, base larga (muitos jovens) e topo estreito (poucos idosos), passa por transformação. No momento, apresenta base mais estreita (menos jovens) e topo em alargamento (mais idosos), evidenciando o envelhecimento populacional, conforme dados do IBGE.

A transição demográfica é influenciada por fatores como melhoria das condições sanitárias e do acesso à saúde, desenvolvimento econômico e social, avanços educacionais, urbanização e mudanças culturais, nos arranjos familiares e nas relações de gênero. Esses elementos, atuando de forma integrada, reduzem a fecundidade e aceleram o envelhecimento populacional (Alves, 2022).

Entre os principais desdobramentos desse processo, destaca-se o envelhecimento populacional, definido como o aumento relativo da proporção de idosos em relação ao total da população. Esse fenômeno impõe desafios à formulação de políticas públicas, sobretudo nas áreas de previdência, saúde e assistência social.

Por outro lado, a transição demográfica pode gerar um bônus demográfico, fenômeno social temporário que ocorre quando a queda nas taxas de natalidade e mortalidade altera a estrutura etária, aumentando a proporção de indivíduos em idade ativa (15 a 64 anos) em relação à população dependente (crianças e idosos). Essa fase reduz a razão de dependência e pode impulsionar o crescimento econômico, desde que acompanhada de investimentos em educação, emprego e infraestrutura, além de políticas

públicas capazes de aproveitar essa janela de oportunidade para maximizar o potencial produtivo da população (Paiva; Wajnman, 2005; Corrêa *et al.*, 2016; Alves, 2020).

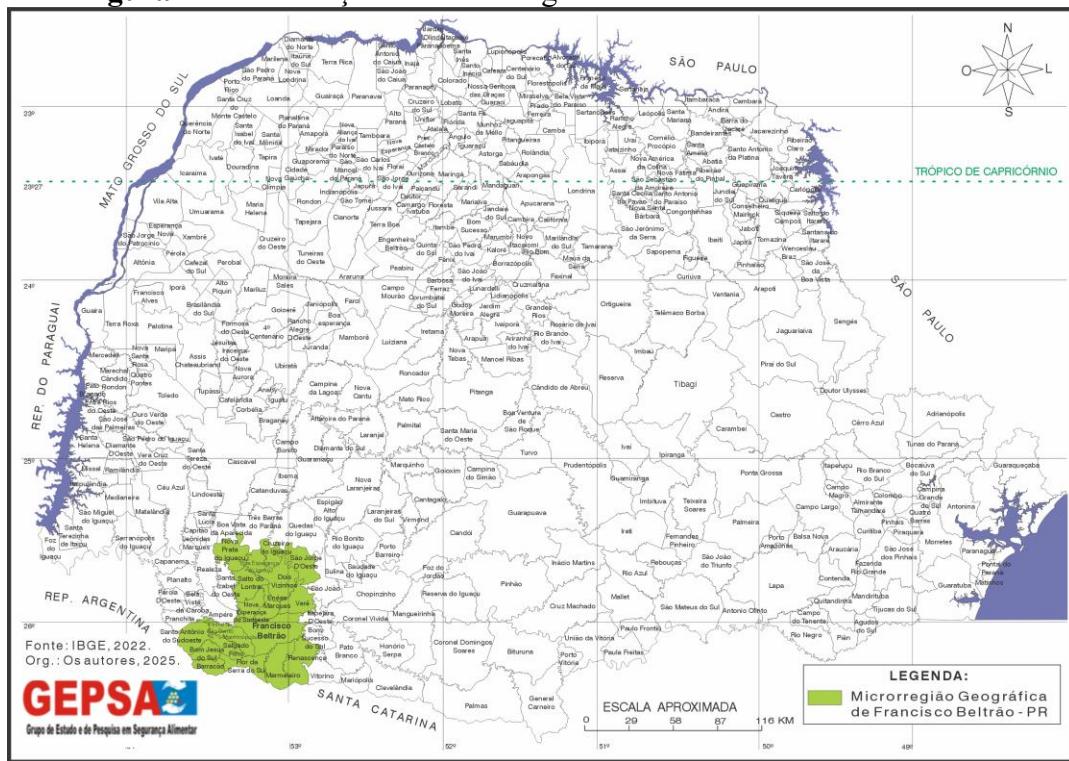
Assim, o bônus demográfico configura-se como uma janela de oportunidade caracterizada pela redução da razão de dependência demográfica, que é o coeficiente entre o segmento etário da população definido como economicamente dependente (menores de 15 anos e maiores de 65 anos) ao segmento etário potencialmente produtivo (15 a 64 anos) (Alves, 2020). Compreender os mecanismos e impactos da transição demográfica é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas que garantam a sustentabilidade social e econômica diante do envelhecimento populacional.

Materiais e métodos

Este estudo analisa o processo de transição demográfica ocorrido nas últimas décadas na microrregião de Francisco Beltrão, localizada no Sudoeste do Paraná. Essa transição apresentou um caráter evolutivo, inicialmente marcado pela queda das taxas de mortalidade, seguida da redução da natalidade e, mais recentemente, por transformações nos comportamentos demográficos e sociais. Entre essas mudanças, destacam-se a queda da fecundidade para níveis abaixo da reposição populacional, o crescimento das uniões consensuais, o aumento dos nascimentos fora do casamento, os casamentos tardios, a expansão da coabitAÇÃO e a valorização da individualização e da autonomia pessoal.

Ressalta-se que parte dos dados analisados já foi apresentada em publicação anterior dos autores, em 2004. Nesta nova abordagem, o foco central é examinar a evolução do envelhecimento populacional na microrregião.

O universo da análise deste estudo foi a microrregião de Francisco Beltrão. Além de Francisco Beltrão, conta com Barracão, Boa Esperança do Iguaçu, Bom Jesus do Sul, Cruzeiro do Iguaçu, Dois Vizinhos, Enéas Marques, Flor da Serra do Sul, Manfrinópolis, Marmeiro, Nova Esperança do Sudoeste, Nova Prata do Iguaçu, Pinhal de São Bento, Renascença, Salgado Filho, Salto do Lontra, Santo Antônio do Sudoeste, São Jorge do Oeste e Verê (IBGE, 1990). Ver figura 1, que apresenta a localização espacial da microrregião em análise no Paraná.

Figura 1 – Localização da Microrregião de Francisco Beltrão no Paraná

Fonte: IBGE, 1990; 2022.

Para fins analíticos, consideraram-se dados referentes aos resultados dos Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2022, abrangendo a população residente por faixa etária. Vale ressaltar que, os dados de 1960 e 1970, apresentaram-se agrupados de 10 em 10 anos, a partir da faixa etária de 40 anos, em conformidade com a estrutura utilizada pelo IBGE nos Censos Demográficos, destes respectivos anos. Porém, se faz importante mencionar que, a partir do Censo Demográfico de 1980 a estrutura utilizada pelo IBGE nos apresenta dados agrupados de 5 em 5 anos, estrutura que este artigo utiliza.

Em todos os anos analisados, a população de 60 anos ou mais foi agrupada. Para fins deste estudo, foram consideradas idosas as pessoas com 60 anos ou mais, conforme é estabelecido pelo O Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003 (Brasil, 2003). Assim, os dados foram agrupados para o cálculo da população idosa da microrregião. As informações foram coletadas separadamente por município e ano censitário, classificadas por faixa etária e sexo e, posteriormente consolidadas para análise em nível regional.

Resultados e discussão

A análise dos dados demonstra que tanto o município de Francisco Beltrão quanto a microrregião a que pertence acompanham os fenômenos característicos da transição demográfica observados no Brasil, especialmente as transformações na estrutura etária. Entretanto, essa transição ocorre de forma distinta entre as regiões, devido a fatores como variações nos níveis de mortalidade, redução da taxa de fecundidade e fluxos migratórios. Embora, em nível nacional, se observe queda da fecundidade e aumento da proporção de idosos, essas mudanças não se manifestam de forma uniforme nas diversas regiões

Segundo o Censo de 2022, 87,4% da população brasileira (177,5 milhões de pessoas) vivia em áreas urbanas, enquanto 12,6% (25,6 milhões) residia em áreas rurais (IBGE, 2022). Em Francisco Beltrão, o padrão é semelhante: dos 96.666 habitantes, 87,5% residiam na zona urbana (84.539) e 12,5% na zona rural (12.127) (IBGE, 2022). Esses dados confirmam a predominância urbana tanto no país quanto no município e na microrregião, com percentuais ajustados para refletir a realidade demográfica atual.

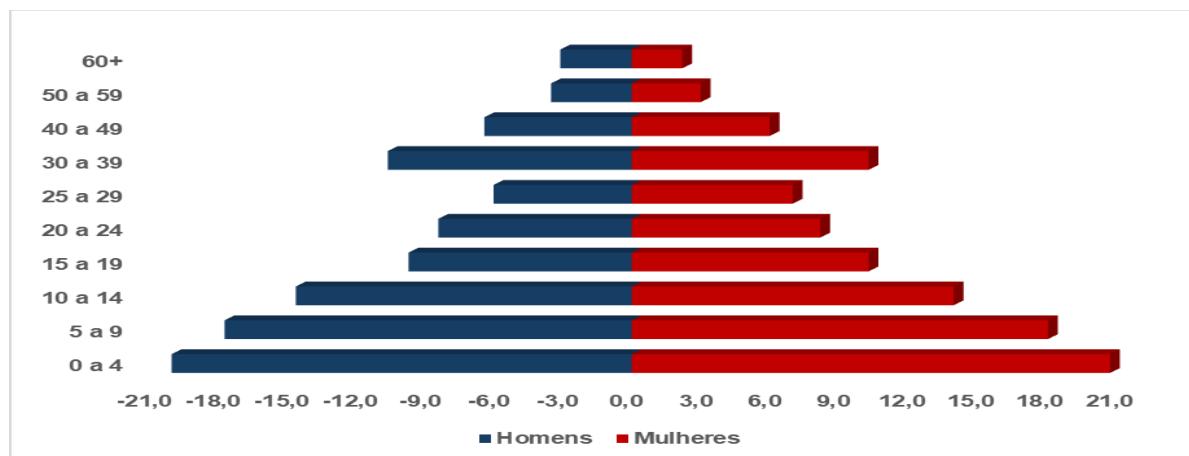
Ao longo dos anos, verificou-se expressiva emigração (Mondardo, 2011), da população economicamente ativa da microrregião de Francisco Beltrão, especialmente nas faixas etárias de 20 a 54 anos, para outras regiões. Esse movimento, aliado à queda da fecundidade, contribuiu para o aumento proporcional da população idosa. Observou-se, ainda, relativa estabilidade na distribuição por sexo, com proporções semelhantes entre homens e mulheres tanto no município quanto na microrregião de Francisco Beltrão.

A análise da estrutura etária da população da microrregião de Francisco Beltrão, segundo idade e sexo, foi elaborada a partir de pirâmides etárias das décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, além dos anos de 2000, 2010 e 2020. Esse recurso gráfico é especialmente útil para identificar transformações na dinâmica populacional, permitindo visualizar com clareza a redução do ritmo de crescimento demográfico ao longo do tempo.

As pirâmides etárias da microrregião de Francisco Beltrão em 1960 e 1970 (Figuras 2 e 3) evidenciam uma estrutura típica de população jovem, com base larga, reflexo das elevadas taxas de fecundidade da época. No Brasil, não há consenso quanto ao início da transição demográfica, mas a queda da fecundidade começou entre mulheres mais escolarizadas e de maior renda, residentes nas áreas urbanas mais desenvolvidas do Sudeste, pioneiras no uso de planejamento familiar (Gendell, 1967; Rosen; Simmons,

1971; Wong, 1983a, Wonge, 1983b; Fernandez; Carvalho, 1986; Carvalho; Wong, 1992; Alves, 1994; Martine, 1996; Gonçalves *et al.*, 2019; Chaimowicz; Chaimowicz, 2019). Essa redução consolidou-se quando mulheres de baixa renda, maioria da população, tiveram acesso a métodos de planejamento familiar (Chaimowicz; Chaimowicz, 2019). Políticas públicas direcionadas a esse grupo contribuíram para o adiamento da união e da maternidade, intensificando o declínio da fecundidade (Rios-Neto, 2005).

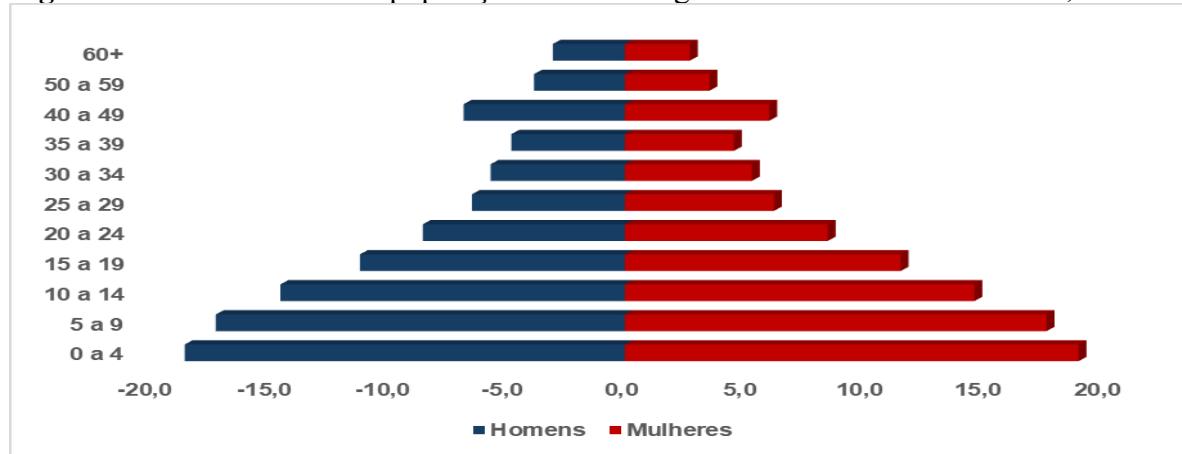
Figura 2 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 1960



Fonte: IBGE, 1960. Elaboração dos autores.

Para o leitor ter um melhor entendimento das figuras 2 e 3, que apresenta dados sobre pirâmide etária da microrregião de Francisco Beltrão em 1960 e 1970, é necessário fazer uma explicação conjunta sobre o que estava acontecendo no Brasil em relação a questão demográfica durante as décadas mencionadas.

Figura 3 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 1970



Fonte: IBGE, 1970. Elaboração dos autores.

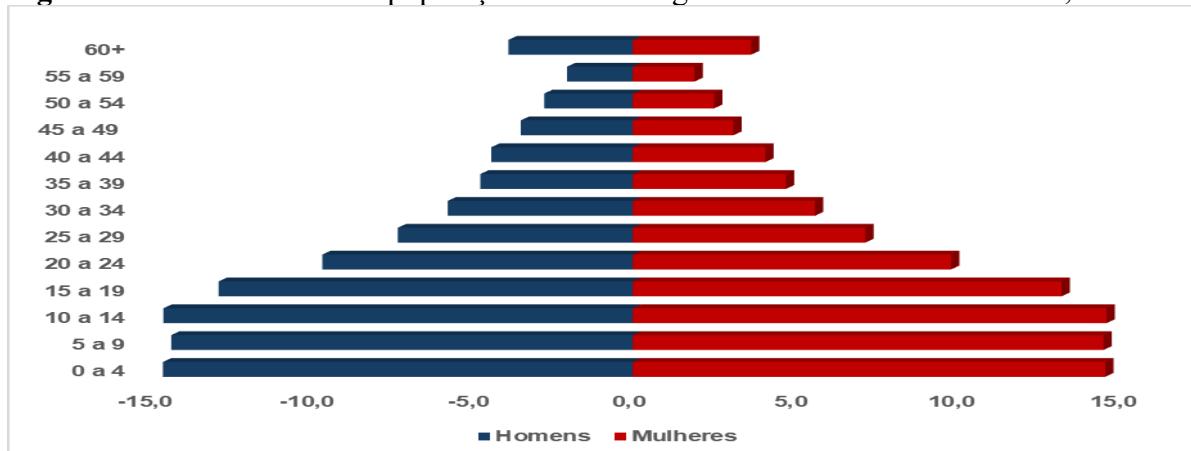
Ao visualizar as figuras 2 e 3, percebe-se que a estrutura destas pirâmides apresenta base larga, formada com população jovem, reflexo das altas taxas de fecundidade do país. E, que a mudança desse processo acontece somente com a transição demográfica.

Transição que só ocorre a partir da transição da fecundidade que no Brasil ocorreu de forma desigual entre regiões e entre áreas urbanas e rurais. Enquanto parte dos centros urbanos do Norte e Nordeste ainda não havia iniciado essa transição na década de 1960, no Sudeste, especialmente nas áreas rurais de São Paulo e Rio de Janeiro, já se observava queda na fecundidade (Fernandez; Carvalho, 1986; Wong, 1983a).

O Sul destacou-se por acelerar esse processo, superando o Sudeste no ritmo de declínio, tanto em áreas urbanas quanto rurais. No final da década de 1970, a região já apresentava os menores níveis de fecundidade rural do país e taxas urbanas semelhantes às de São Paulo e Rio de Janeiro, cenário que também se refletiu na microrregião de Francisco Beltrão.

Em 1980, a pirâmide manteve o formato triangular característico de populações em transição (Figura 4), indicando natalidade ainda elevada e predominância de faixas etárias jovens. No entanto, em comparação a 1970, observa-se clara redução nos grupos de 0 a 14 anos, que de 1970 para 1980 apresentou redução de 1.639 habitantes dessa faixa etária, ou seja, um decréscimo de -1,44%. Porém, quando se analisa a redução percentual na participação (proporção) da população dessa mesma faixa etária, observa-se uma queda de 7,07% (IBGE, 1970, 1980).

Figura 4 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 1980



Fonte: IBGE, 1980.

Nesse contexto, Vasconcelos e Gomes (2012) afirmam que:

É a partir de 1970 que o Brasil experimenta uma verdadeira revolução demográfica. Os indicadores de natalidade, fecundidade e mortalidade para 1980 revelaram essas grandes mudanças: todos eles tiveram seus níveis drasticamente reduzidos. A taxa de mortalidade infantil declinou para 83 óbitos por cada 1000 nascidos vivos e a esperança de vida ultrapassou o limite de 60 anos de idade. O número de filhos por mulher reduziu-se para 4,4 e a taxa bruta de natalidade para 31,7 nascidos vivos por mil habitantes (Vasconcelos; Gomes, 2012, p. 4).

Na microrregião analisada, observou-se também o declínio da fecundidade. Em 1970, a população de 0 a 4 anos era de 41.993 habitantes, correspondendo a 18,74% do total microrregional, segundo o IBGE (1970). Em 1980, esse número reduziu-se para 37.453 habitantes, ou 14,59%, conforme o IBGE (1980), e, em 1991, para 26.474 habitantes, representando 11,93%, de acordo com o IBGE (1991). Portanto, de 1970 para 1991 ocorreu uma diminuição de 15.519 habitantes, sugerindo dinâmica demográfica própria. Paralelamente, observa-se um processo migratório da população economicamente ativa.

Vale destacar que, entre 1980 e 1991 a microrregião de Francisco Beltrão apresentou perda de população entre um censo demográfico e outro. Tais dados já foram analisados levando em conta a mesorregião Sudoeste paranaense que engloba a microrregião em análise. Essa análise foi realizada por Camarano e Abramovay (1999) e Mondardo (2011).

Em 1980 a microrregião de Francisco Beltrão contava com 256.581 habitantes. Em 1991, com 221.742 habitantes, uma diminuição de 34.939 habitantes (IBGE, 1980, 1991). O processo migratório se efetivou, sobretudo, a partir da população rural, com jovens filhos de agricultores saindo da propriedade e se fixando em Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, cidades estruturadas como centros comerciais e industriais (frigoríficos) da microrregião com maior oferta de trabalhos. Como assinala Singer (1981, p. 32), “uma vez iniciada a industrialização de um sítio urbano, ele tende a atrair populações de áreas geralmente próximas”. Ocorre ainda o envelhecimento da população rural, onde chefes de famílias agricultoras com idade inferior a 25 anos representa apenas 2% no campo. Dos 25 anos aos 35 anos, o percentual é de 17% e acima de 55 anos o percentual representa 21%. (Mondardo, 2011).

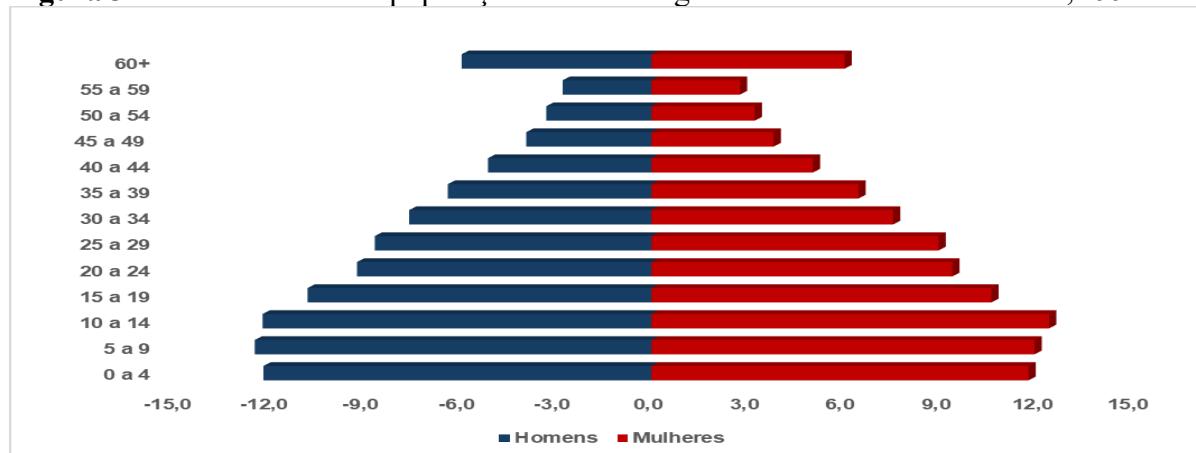
Agora o porquê da microrregião de Francisco Beltrão ter perdido 34.939 habitantes é explicado pelos fluxos migratórios inter-regionais do Paraná, pois esta

microrregião, bem como sua mesorregião foram as que mais expulsaram população rural, as quais foram direcionadas para a Região Metropolitana de Curitiba e Oeste paranaense, dois polos de desenvolvimento industrial e agroindustrial do estado. “O Sudoeste paranaense, [...] perdeu 7.195 pessoas oriundas do campo para essas regiões, entre 1986 e 1991 [...]. Já os fluxos de origem e destino rurais direcionaram-se para as regiões Oeste e Centro-Sul paranaense, tendo uma perda populacional para essas regiões de 5.758 pessoas, entre 1986 e 1991, [...] das pequenas propriedades rurais [...]” (Mondardo, 2011, p.125). Portanto, a microrregião seguiu o mesmo caminho, por estar integrada a mesorregião.

Conforme Kleinke *et al.* (1999, p. 197), “a contínua emigração do Sudoeste paranaense foi resultado das dificuldades de inserção na modernização agrícola da pequena produção e, consequentemente, do empobrecimento da população, implicando uma forte evasão rural”.

A pirâmide etária de 1991 (Figura 5) reforça a tendência observada na década anterior. Embora mantenha traços do formato triangular, evidencia a continuidade da queda na fecundidade, refletida na redução proporcional da população entre 0 e 14 anos, que de 1980 para 1991 apresentou redução de 31.322 habitantes dessa faixa etária, ou seja, um decréscimo de -27,97%. Porém, quando se analisa a redução percentual na participação (proporção) da população dessa mesma faixa etária, observa-se uma queda de 7,26% (IBGE, 1980, 1991). Esse comportamento confirma o padrão de transição etária progressiva, caracterizado pela diminuição da base da pirâmide e pela expansão gradual dos grupos intermediários e superiores (IBGE, 1991).

Figura 5 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 1991



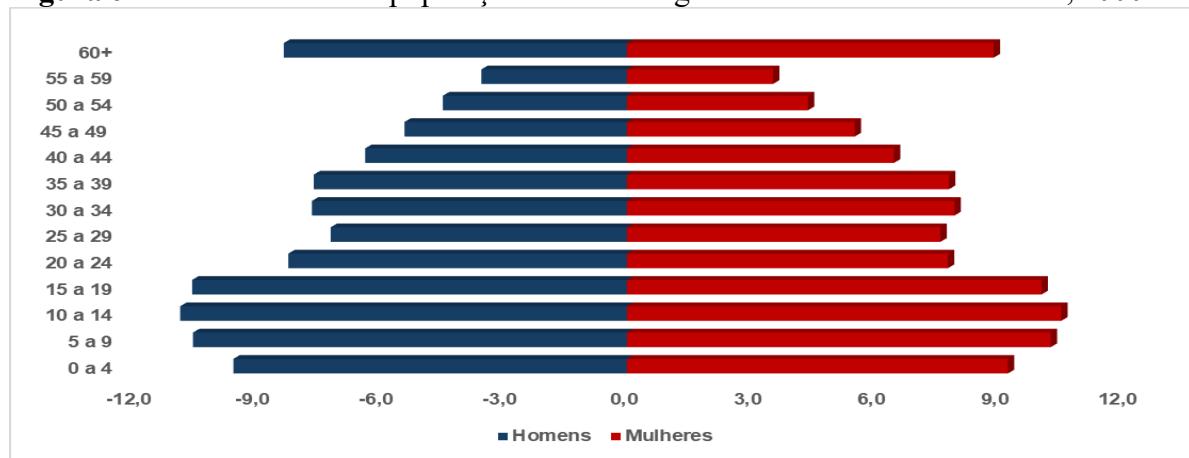
Fonte: IBGE, 1991. Elaboração dos autores.

No Brasil, em 1991, observou-se um avanço significativo na transição demográfica. A taxa bruta de natalidade recuou para 23,7 nascimentos por mil habitantes, e a fecundidade média caiu para 2,9 filhos por mulher. A mortalidade infantil teve uma redução expressiva, praticamente se reduzindo à metade em relação a décadas anteriores, atingindo 45,2 óbitos por mil nascidos vivos. Já a expectativa de vida ao nascer continuou em ascensão, alcançando 65,8 anos (Vasconcelos; Gomes, 2012).

Em 2000, a estrutura etária da microrregião apresenta mudanças mais acentuadas (Figura 6). A base da pirâmide torna-se mais estreita, refletindo a queda consistente da fecundidade. Observa-se também redução nos grupos de 20 a 39 anos, atribuída à emigração seletiva da população economicamente ativa. Porém, aumenta a proporção de pessoas com 60 anos ou mais, evidenciando o início de um processo de envelhecimento populacional (IBGE, 2000).

Chaimowicz e Chaimowicz (2019) indicam que a queda da fecundidade no Brasil começou na segunda metade dos anos 1960, resultado de mudanças socioculturais ligadas à urbanização e ao maior acesso a contraceptivos. Entre estes, a ligadura de trompas, de caráter definitivo, destacava-se como a principal alternativa para mulheres de baixa renda. O fenômeno iniciou-se nas áreas urbanas das regiões Sul e Sudeste e, a partir da década de 1970, expandiu-se para outras regiões do país e zonas rurais, atingindo gradualmente todos os grupos sociais. No intervalo entre 1970 e 2000, a taxa de fecundidade apresentou redução de 60%, atingindo 2,2 filhos por mulher.

Figura 6 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 2000



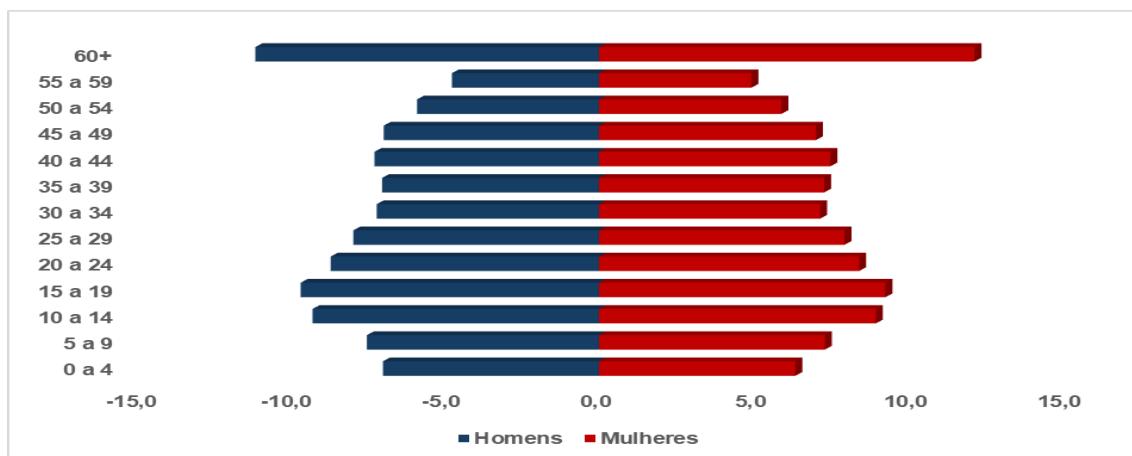
Fonte: IBGE, 2000. Elaboração dos autores.

Em 2010, a estrutura etária da microrregião (Figura 7) confirma a consolidação

do processo que se efetivava no Brasil, ou seja, A estrutura demográfica aproxima-se do formato de transição avançada, com base ainda mais estreita e ampliação dos grupos etários superiores. O envelhecimento populacional torna-se mais evidente, resultado principalmente da redução da fecundidade e do aumento da longevidade.

No cenário brasileiro, entre 1991 e 2010, observou-se avanço significativo na transição demográfica, com quedas expressivas nas taxas de natalidade e mortalidade. A mortalidade infantil caiu para 16,2 óbitos por mil nascidos vivos, e a expectativa de vida ao nascer ultrapassou 70 anos, alcançando 73,5 anos ao final da década. Ao mesmo tempo, a taxa bruta de natalidade diminuiu para 16 nascimentos por mil habitantes, enquanto a fecundidade total caiu para 1,9 filho por mulher, patamar inferior ao necessário para a reposição natural da população, estimado em 2,1 filhos por mulher (Vasconcelos; Gomes, 2012).

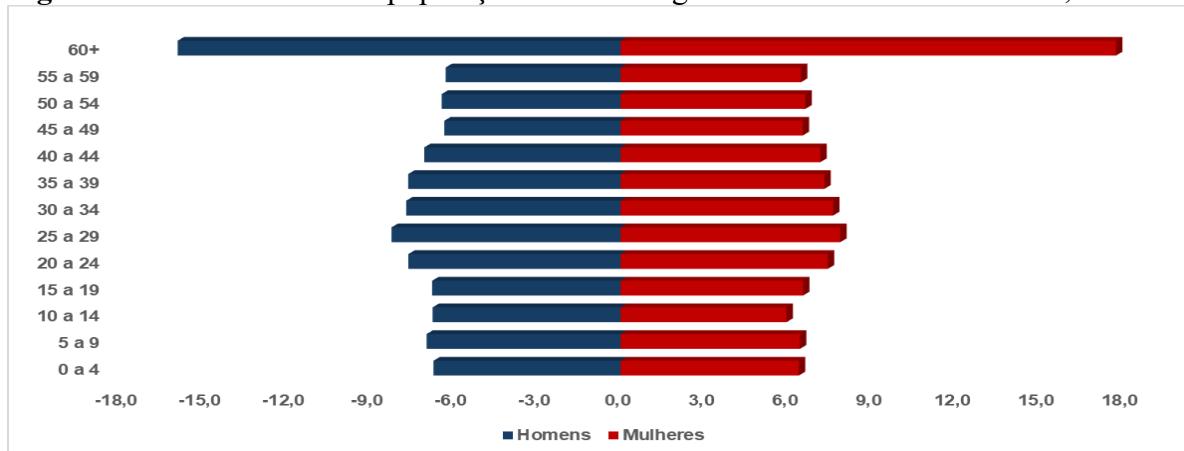
Figura 7 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 2010



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração dos autores.

Em 2022, a estrutura etária da microrregião (Figura 8) apresenta configuração bastante distinta das anteriores. O formato tende à verticalização, indicando mudança estrutural no perfil etário ao longo do tempo, com diminuição acentuada das faixas etárias jovens e crescimento expressivo da população idosa. Esse cenário caracteriza uma transição demográfica madura, na qual o envelhecimento populacional é um traço consolidado. A redução da fecundidade, a migração seletiva de jovens e o aumento da expectativa de vida contribuem para essa nova configuração.

Figura 8 – Pirâmide etária da população da microrregião de Francisco Beltrão – PR, 2022



Fonte: IBGE, 2022. Elaboração dos autores.

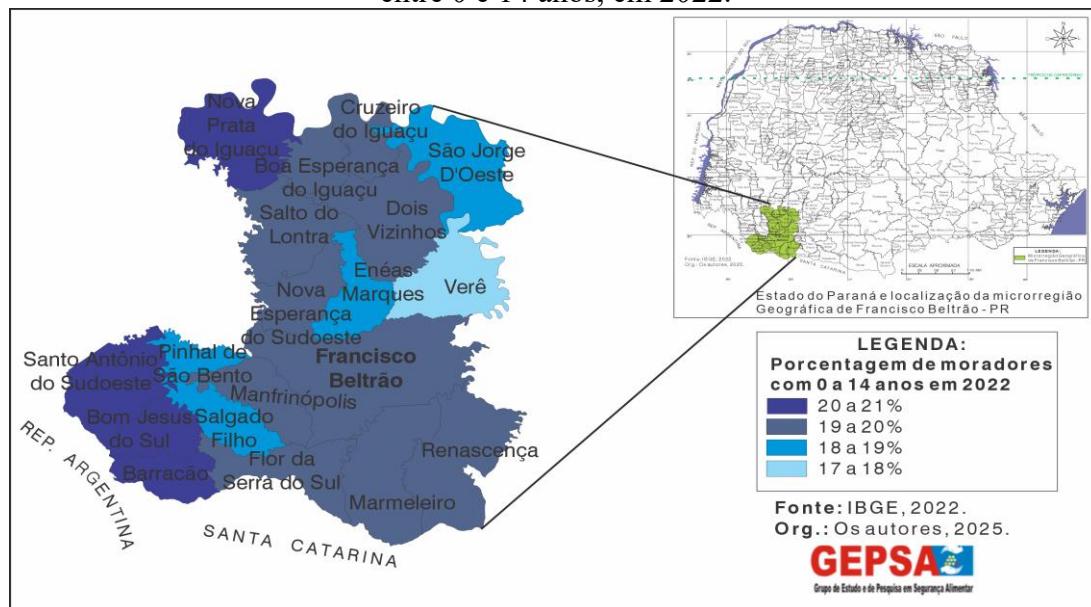
Essas transformações, comparadas com dados nacionais e municipais, evidenciam que, embora a microrregião acompanhe as tendências gerais do país, apresenta dinâmicas próprias, especialmente quanto aos impactos das migrações e ao ritmo do envelhecimento.

A evolução da pirâmide etária entre 1960 e 2022, marcada pela redução da base e pelo alargamento do topo, ilustra esse processo e indica transição já madura, como observa Oliveira (2019). O autor destaca que, nesse estágio, a população infantil perde participação relativa, enquanto o grupo de idosos cresce continuamente, gerando mudanças significativas na demanda por políticas públicas, especialmente nas áreas de saúde e previdência.

Além disso, a intensificação do envelhecimento demográfico impõe desafios à estrutura assistencial, como a adaptação dos serviços de saúde a um perfil epidemiológico predominante em doenças crônicas e degenerativas. Essa transição epidemiológica e demográfica, reforça a necessidade de políticas de promoção do envelhecimento saudável e atenção primária à saúde.

A partir dos dados do Censo Demográfico de 2022, avaliou-se a distribuição populacional da microrregião de Francisco Beltrão, considerando a proporção de crianças e adolescentes, da população economicamente ativa e da população idosa. Verificou-se que os maiores percentuais de pessoas com idades entre 0 e 14 anos concentram-se nos municípios de Barracão, Bom Jesus do Sul, Nova Prata do Iguaçu e Santo Antônio do Sudoeste, todos com mais de 20% da população nesse estrato etário (Figura 9) (IBGE, 2022).

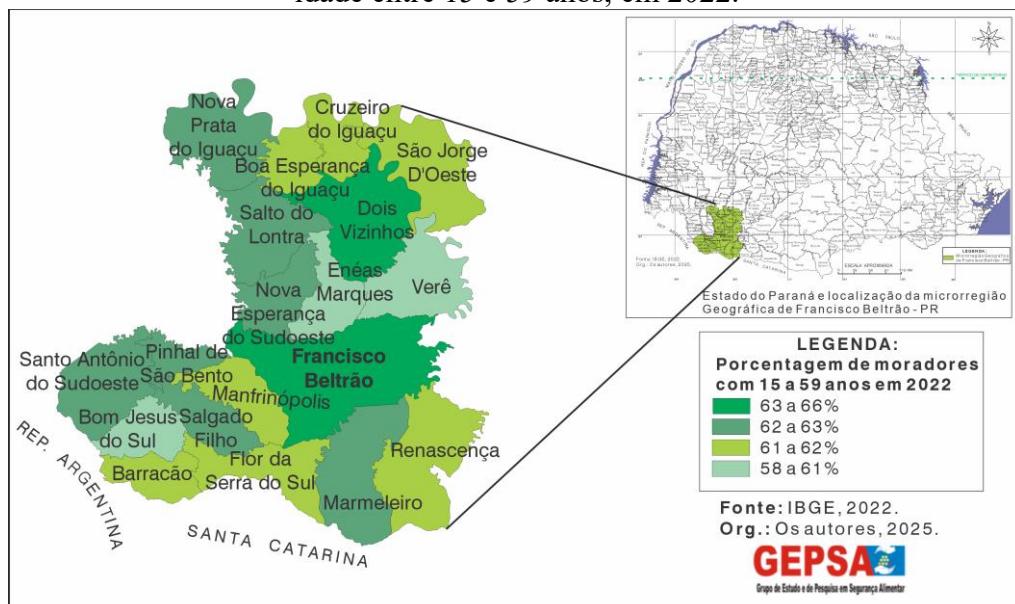
Figura 9 - Porcentagens da população da Microrregião de Francisco Beltrão com idade entre 0 e 14 anos, em 2022.



Fonte: IBGE, 2022.

Os dados da população com idade entre 15 e 59 anos (Figura 10) indicam que a sua concentração ocorre nos municípios de maior dinâmica econômica, ou seja, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão, ambos com mais de 65% da população nesse estrato etário (IBGE, 2022).

Figura 10 - Porcentagens da população da Microrregião de Francisco Beltrão com idade entre 15 e 59 anos, em 2022.

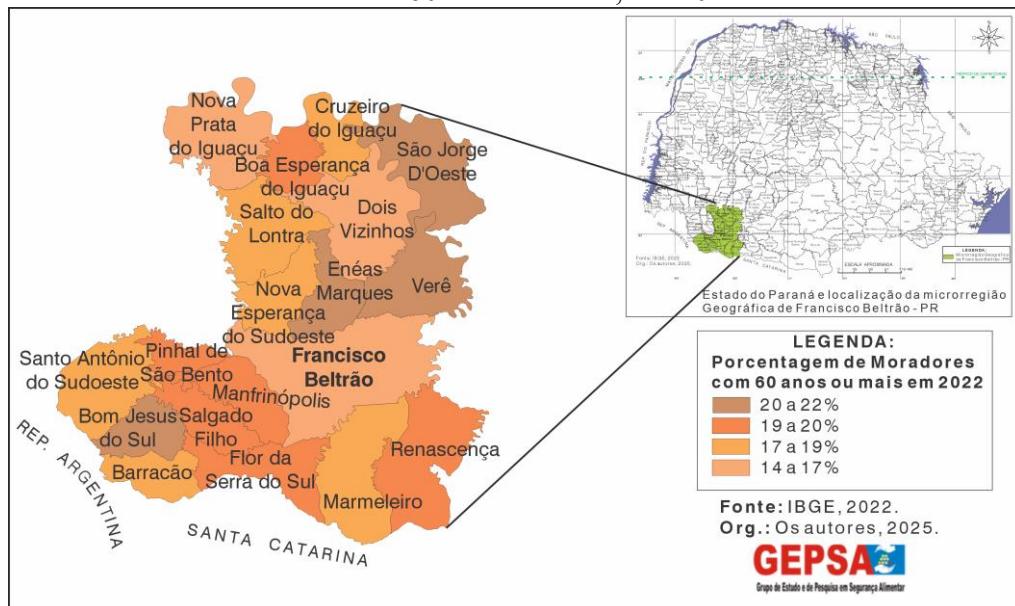


Fonte: IBGE, 2022.

Em 2022, os dados referentes à população da microrregião de Francisco Beltrão

com 60 anos ou mais indicam que apenas três municípios, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Nova Prata do Iguaçu, apresentaram menos de 17% da população nesse estrato etário (Figura 11).

Figura 11 - Porcentagens da população da Microrregião de Francisco Beltrão com idade de 60 anos ou mais, em 2022



Fonte: IBGE, 2022. Elaboração dos autores.

A Tabela 01, que apresenta a distribuição etária da população brasileira entre 1970 e 2022, evidencia de forma clara os efeitos da queda da fecundidade e o consequente processo de envelhecimento populacional (IBGE, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022).

Tabela 01 – Distribuição etária da população no Brasil, entre 1970 e 2022, em percentagem

Idade	Homens						Mulheres					
	1970	1980	1991	2000	2010	2022	1970	1980	1991	2000	2010	2022
0-4	15,0	14,1	11,8	9,9	7,5	6,6	14,6	13,5	11,2	9,3	7,0	6,0
5-9	14,7	12,7	12,2	10,1	8,2	7,1	14,2	12,2	11,6	9,5	7,5	6,4
10-14	12,8	12,1	11,9	10,5	9,3	7,1	12,7	11,9	11,5	10	8,7	6,4
15-19	10,8	11,3	10,4	10,8	9,2	7,4	11,2	11,5	10,3	10,3	8,7	6,8
20-24	8,7	9,6	9,3	9,6	9,2	7,9	9,1	9,7	9,3	9,4	8,8	7,4
25-29	6,9	7,9	8,5	8,2	9,1	7,7	7,1	8,0	8,6	8,2	8,9	7,5
30-34	6,1	6,4	7,3	7,6	8,3	7,6	6,1	6,5	7,5	7,7	8,2	7,6
35-39	5,4	5,3	6,2	7,1	7,2	7,9	5,5	5,4	6,4	7,3	7,3	8,0
40-44	4,9	4,8	5,3	6,1	6,8	7,9	4,8	4,8	5,3	6,3	6,9	7,9
45-49	3,9	3,9	4,1	5,1	6,1	6,6	3,8	3,9	4,2	5,2	6,3	6,8
50-54	3,2	3,4	3,5	4,1	5,2	6,1	3,1	3,5	3,5	4,2	5,4	6,3
55-59	2,5	2,5	2,8	3,1	4,2	5,5	2,4	2,6	3,0	3,3	4,5	5,9
60+	5,1	6,0	6,7	7,8	9,8	14,4	5,4	6,5	7,6	9,3	11,7	17,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE – Censos demográficos 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022. Elaboração dos autores.

Entre as décadas de 1980 e 1990, observa-se queda significativa nos percentuais das faixas de 0 a 19 anos e, especialmente, entre 25 e 34 anos, revelando o avanço da transição demográfica. Apesar da redução da fecundidade, a natalidade manteve-se relativamente alta nesse período, devido ao grande contingente de mulheres em idade fértil, nascidas antes da queda das taxas reprodutivas. Na virada para os anos 2000, o declínio da fecundidade se intensifica, refletindo-se em percentuais cada vez menores nas faixas de 0 a 25 anos. Paralelamente, a proporção de idosos cresce de 7,3% para 8,5%, representando mais de 14,5 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. Segundo Oliveira (2019),

A queda da fecundidade provocou a redução da participação de crianças na população total ampliando a proporção de jovens e adultos. O declínio da mortalidade e a elevação da expectativa de vida fizeram com que a população ficasse mais envelhecida. Essas mudanças afetam a economia do país e exigem a aplicação de políticas públicas, voltadas para a geração de empregos, uma vez que, há uma grande massa de jovens e adultos e a melhoria do atendimento da parcela idosa da população que é maior e que envelhece em grande velocidade e que vive mais atingindo idades mais elevadas, ampliando a faixa dos mais idosos (Oliveira, 2019, p. 76).

A microrregião de Francisco Beltrão apresenta um padrão de transição demográfica semelhante ao do Brasil, porém com características próprias (Tabela 2). Ao calcular a população total dos municípios, verificou-se que, em 1960, a microrregião contava com 55.253 habitantes, sendo que, nesse período, apenas o município de Francisco Beltrão a integrava. Com a divulgação do Censo de 1970, constatou-se um crescimento populacional de 305,4%, alcançando 224.049 habitantes. Esse aumento deve-se, em parte, à incorporação de novos municípios, como Barracão, Renascença e Salto do Lontra (IBGE, 1960, 1970).

Tabela 02 – Distribuição etária da população da microrregião de Francisco Beltrão entre, entre 1970 e 2022, em percentagem

Idade	Homens						Mulheres					
	1970	1980	1991	2000	2010	2022	1970	1980	1991	2000	2010	2022
0-4	18,5	11,8	12,0	9,5	7,0	6,7	19,0	11,5	11,7	9,2	6,3	6,4
5-9	17,2	12,2	12,3	10,5	7,5	6,9	17,7	11,7	11,9	10,3	7,3	6,4
10-14	14,4	12,1	12,1	10,8	9,2	6,7	14,7	12,4	12,4	10,5	8,9	5,9
15-19	11,1	10,7	10,7	10,5	9,6	6,7	11,6	10,6	10,6	10,0	9,3	6,5
20-24	8,5	9,2	9,1	8,2	8,7	7,6	8,5	9,4	9,3	7,8	8,4	7,4
25-29	6,4	8,6	8,6	7,1	7,9	8,2	6,3	9,0	8,9	7,6	7,9	7,9
30-34	5,6	7,5	7,5	7,6	7,2	7,7	5,3	7,5	7,5	7,9	7,1	7,6
35-39	4,8	6,4	6,3	7,6	7,0	7,6	4,6	6,5	6,4	7,8	7,3	7,3
40-49	6,8	9,2	9,2	12,0	14,2	13,3	6,1	9,0	9,0	12,0	14,5	13,7
50-59	3,8	6,2	6,2	7,9	10,6	12,7	3,6	6,2	6,2	8,0	10,8	13,1
60+	3,0	6,1	6,0	8,3	11,1	15,9	2,7	6,2	6,1	8,9	12,1	17,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE – Censos demográficos 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022. Elaboração dos autores.

No Censo de 1980, registrou-se um incremento de 14,5% na população da microrregião, que passou a 256.581 habitantes (IBGE, 1980). Em 1991, observou-se um decréscimo de 13,6%, totalizando 221.742 habitantes (IBGE, 1991). No ano 2000, os dados censitários apontaram um aumento de 2,7%, atingindo 227.000 habitantes (IBGE, 2000). Já em 2010, verificou-se novo crescimento de 6,4%, elevando a população para 242.411 habitantes (IBGE, 2010). Por fim, em 2022, houve um aumento expressivo de 15,1%, alcançando 279.079 habitantes (IBGE, 2022). Esses resultados indicam que, ao longo das últimas décadas, a população da microrregião tem mantido uma tendência de crescimento.

Entre 1960 e 2022, a população da microrregião aumentou mais de cinco vezes, passando de 55.253 para 279.079 habitantes, um crescimento de aproximadamente 405,11%. A queda dos percentuais nas faixas de 0 a 19 anos é contínua ao longo das décadas. Em contrapartida, a faixa de 20 a 59 anos manteve relativa estabilidade entre 1980 e 1991, com variações discretas. Apenas em 2000 essa faixa apresenta redução, refletindo um processo de migração seletiva, no qual parte da população economicamente ativa se desloca para outras regiões. Como consequência, cresce proporcionalmente a população com 60 anos ou mais, marcando o início do envelhecimento populacional na microrregião (IBGE, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2022).

A partir dos anos 2000, contudo, o ritmo de crescimento desacelerou, acompanhando a tendência nacional. A queda das taxas de fecundidade, a migração de jovens para outros centros urbanos e o aumento da longevidade resultaram em mudanças

estruturais significativas na composição etária da população.

A análise do município de Francisco Beltrão (Tabela 03) reforça as evidências anteriores. Observa-se percentual mais elevado da população nas faixas de 25 a 44 anos, especialmente nas décadas de 1980 e 1991, possivelmente associado ao efeito de atração migratória exercido pelo município, então em consolidação como polo regional. Esse padrão sustenta a hipótese de que o crescimento proporcional da população idosa resulta da combinação de três fatores: a migração de jovens e adultos em idade ativa, as elevadas taxas de mortalidade entre os mais jovens em décadas anteriores e, sobretudo, a acentuada queda da fecundidade. Esses elementos compõem o cenário que favorece o envelhecimento demográfico (IBGE, 1980, 1991).

Tabela 03 – Distribuição etária da população no município de Francisco Beltrão entre, entre 1970 e 2020, em percentagem

Idade	Homens						Mulheres					
	1970	1980	1991	2000	2010	2022	1970	1980	1991	2000	2010	2022
0-4	16,2	13,5	12,0	9,6	7,4	6,8	16,6	12,6	11,7	8,7	6,4	6,1
5-9	16,2	12,7	12,1	10,1	7,0	6,9	17,1	12,6	11,1	9,7	6,8	6,2
10-14	14,6	13,3	11,1	10,7	8,7	6,8	14,6	13,5	10,6	10	8,2	5,8
15-19	11,8	12,7	9,9	10,3	9,1	6,5	12,4	13,9	10,0	9,7	9,2	6,5
20-24	9,0	10,5	9,4	8,5	9,8	8,2	9,3	11	9,9	8,2	9,3	7,9
25-29	6,7	8,5	9,2	7,4	9,1	9,1	6,5	8,5	10,1	8,0	8,7	8,5
30-34	6,1	6,5	8,2	8,1	8,1	8,6	5,5	6,8	8,4	8,6	7,5	8,1
35-39	4,7	5,2	6,9	7,9	7,1	8,3	4,7	5,0	6,9	8,3	7,3	7,8
40-49	7,3	8,0	9,6	12,4	14,1	13,4	6,6	7,1	9,5	12,6	14,7	13,6
50-59	4,2	5,1	5,9	7,7	10,0	11,7	4,0	5,0	5,6	7,9	10,6	12,6
60+	3,2	4,0	5,7	7,3	9,6	13,7	2,7	4,0	6,2	8,3	11,3	16,8
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE – Censos demográficos 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022. Elaboração dos autores.

A Tabela 04 mostra que, na década de 1970, o município de Francisco Beltrão apresentou significativa redução populacional, com queda aproximada de 34% em relação à década anterior. Essa diminuição relaciona-se à emancipação de diversos municípios anteriormente integrantes de seu território: Dois Vizinhos, Enéas Marques, Marmeiro, Renascença, Salgado Filho, Salto do Lontra, São Jorge do Oeste e Verê. A partir da década de 1980, contudo, verifica-se retomada no crescimento, com a população passando de 36.807 para 48.781 habitantes, aumento de cerca de 25%. Entre 1980 e 2022, a população praticamente dobrou, alcançando um crescimento aproximado de 98,2% (IBGE, 1980, 2022).

Tabela 04 – Distribuição da população do Município de Francisco Beltrão, entre 1960 e 2022

ANO	Francisco Beltrão
1960	55.496
1970	36.807
1980	48.781
1991	61.272
2000	67.132
2010	78.943
2022	96.666

Fonte: IBGE – Censos demográficos 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022. Elaboração dos autores.

A análise do crescimento populacional brasileiro entre 1950 e 2022 (Tabela 05) revela forte expansão, especialmente entre 1950 e 1980, quando a população mais que dobrou, passando de 51 milhões para 119 milhões de habitantes. Entre 1980 e 2000, o país ganhou cerca de 50 milhões de pessoas, atingindo 169,7 milhões. Esse crescimento relaciona-se à diferença entre as taxas de natalidade e mortalidade, o chamado crescimento vegetativo, que reflete o aumento natural da população (George, 1974), sem considerar os efeitos migratórios. Observa que uma população com taxa de crescimento anual de 2% dobra em poucas décadas. Esse padrão foi verificado no Brasil até o final da década de 1970, quando a taxa anual era de 2,9%. Nas décadas seguintes, houve desaceleração progressiva: 2,2% na década de 1980 e 1,6% na de 1991 (IBGE, 1950, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022).

Ainda analisando a Tabela 05, a tendência apresentada no parágrafo anterior é reforçada ao apresentar os números absolutos e relativos da população idosa entre 1950 e 2022. Nesse período, o número de pessoas com 60 anos ou mais aumentou mais de quatorze vezes, passando de aproximadamente 2,26 milhões em 1950 para mais de 32,1 milhões em 2022 (IBGE, 1950, 2022).

Tabela 05 – Distribuição da população de 60 anos ou mais de idade, recenseada no período de 1950 - 2022, no Brasil

CENSO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO DE IDOSOS	
		Número	%
1950	51.944.397	2.259.29	4,3
1960	70.070.457	3.476.262	4,9
1970	93.139.037	5.152.152	5,5
1980	119.002.706	7.473.100	6,2
1991	146.002.706	10.722.705	7,3
2000	169.799.170	14.536.029	8,5
2010	190.755.799	20.590.597	10,8
2022	203.062.512	32.113.490	15,8

Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022.
 Elaboração dos autores.

Acompanhar o envelhecimento populacional por meio do crescimento relativo da população idosa ao longo do tempo é uma estratégia eficiente para compreender as mudanças sociais e demográficas. Por um lado, esse processo reflete avanços sociais relevantes, como melhorias nas condições de vida, saúde e longevidade. Por outro, impõe desafios crescentes ao Estado, à sociedade e às famílias, que precisam adaptar seus sistemas de proteção social, saúde pública e políticas urbanas às novas demandas de uma população que envelhece rapidamente. Basta uma rápida análise na tabela 05, para se verificar que o aumento da população idosa foi gradativamente apresentando aumento da porcentagem de seu crescimento entre um Censo Demográfico e outro, saindo de 0,6% entre 1950-1960, aumentando para 0,7% entre 1970-1980, na sequência para 1,1% de crescimento entre 1980-1991, depois para 1,2% entre 1991-2000. A partir dos anos 2000, começou a apresentar saltos qualitativos, primeiro entre 2000-2010 totalizando um aumento de 2,3% e na sequência entre 2010-2022 apresentando um salto de 5% de crescimento da população idosa no Brasil.

Essa constatação nos mostra que a realidade dos fatos pede ações emergenciais por parte do governo e sociedade civil organizada. Envelhecer com dignidade passa a exigir não apenas atenção institucional, mas também transformações culturais, econômicas e estruturais.

A microrregião de Francisco Beltrão apresenta um padrão de transição demográfica semelhante ao observado no restante do Brasil, porém com peculiaridades regionais. Segundo Vasconcelos e Gomes (2012), o processo brasileiro é marcado por desigualdade espacial e temporal. Enquanto as regiões Sul e Sudeste avançaram na queda

da fecundidade e da mortalidade, regiões como o Norte e o Nordeste ainda vivenciam fases menos avançadas. Situada no Sul do país, a microrregião encontra-se em estágio já avançado da transição, com fecundidade abaixo do nível de reposição e população envelhecida, aspectos evidenciados nas pirâmides etárias analisadas no estudo.

A terceira fase da transição demográfica, vivida atualmente pelo Brasil, caracteriza-se pela presença do bônus demográfico, com predominância da população em idade ativa (15 a 64 anos). Silva; Silva; Gomes (2025), indicam que essa fase oferece uma “janela de oportunidade” para investir em capital humano, reduzir desigualdades e preparar o país para os desafios do envelhecimento. Contudo, como mostram os dados da microrregião de Francisco Beltrão, a emigração de jovens e adultos economicamente ativos pode comprometer o pleno aproveitamento desse bônus. Essa migração, vem ocorrendo devido à dificuldade de encontrar empregos qualificados na microrregião. Entre 1980 e 2000 essa migração ocorria também em busca de formação universitária, fato que não ocorre mais, devido ao município de Francisco Beltrão ter se consolidado como polo universitário com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), com curso de Medicina e Campus da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e de serviços de saúde, com o Hospital Regional que atende média e alta complexidade.

Francisco Beltrão configurou, a partir da década de 1980, uma polarização e uma concentração em função das atividades de frigoríficos que acabaram, a partir de suas relações, dominando o território do município. Como afirma Perroux (1975, p. 100), “o crescimento não surge em toda a parte ao mesmo tempo; manifesta-se com intensidades variáveis, em pontos ou pólos de crescimento; propaga-se, segundo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia”. Francisco Beltrão, a partir da instalação de um frigorífico, conseguiu absorver uma parte considerável do contingente do campo do próprio município e municípios vizinhos, devido ao seu desenvolvimento econômico e, consequentemente, à sua atração pela oferta de emprego nas atividades industriais, comércio e serviços (Mondardo, 2011).

Esse cenário de emigração da população economicamente ativa, demanda estratégias regionais específicas, com incentivos à permanência da juventude no território e políticas de emprego, educação e desenvolvimento econômico descentralizado.

O crescimento da população idosa observado nas últimas décadas na microrregião

está em consonância com as análises de Oliveira (2019), que relaciona a transição demográfica ao aumento da dependência dos mais velhos. A elevação da expectativa de vida, aliada à queda da fecundidade, impacta diretamente a razão de dependência, alterando a estrutura familiar e impondo maior responsabilidade ao Estado e à sociedade civil. A intensificação desse envelhecimento, sem adequações nas políticas públicas, especialmente nas áreas de saúde, previdência e assistência social, pode gerar desequilíbrios relevantes na proteção social.

A mudança na estrutura etária implica também transformações no perfil de saúde da população. A transição epidemiológica, que acompanha a demográfica, envolve a substituição das doenças infectocontagiosas pelas crônicas e degenerativas como principais causas de morte. Essa mudança exige reestruturação da rede de atenção à saúde, atualmente voltada majoritariamente para ações curativas, e não preventivas. Os municípios da microrregião de Francisco Beltrão precisarão adaptar seus serviços à nova realidade, investindo em cuidados de longa duração, atendimento domiciliar e promoção da saúde desde a juventude.

Vasconcelos e Gomes (2012) ressaltam que a transição demográfica brasileira não ocorre de forma homogênea e que ritmos e intensidades variam entre regiões, estados e municípios. Francisco Beltrão, como cidade-polo regional, atrai população e concentra serviços, o que pode mascarar desigualdades nos municípios vizinhos da microrregião. A análise regionalizada possibilita identificar, por exemplo, localidades com maior envelhecimento relativo ou com índices ainda elevados de fecundidade. Essas especificidades devem orientar políticas mais territorializadas, que considerem as vulnerabilidades locais.

A nova configuração demográfica regional impõe desafios ao planejamento urbano, à organização dos sistemas de saúde, ao mercado de trabalho e à previdência. Como ressaltam Silva, Silva e Gomes (2025), é necessário aproveitar o bônus demográfico para construir um arcabouço institucional capaz de sustentar a sociedade na fase pós-bônus. No caso da microrregião de Francisco Beltrão, isso implica investir, desde já, em políticas intersetoriais que articulem saúde, educação, mobilidade urbana, segurança e lazer voltados à população idosa e em envelhecimento.

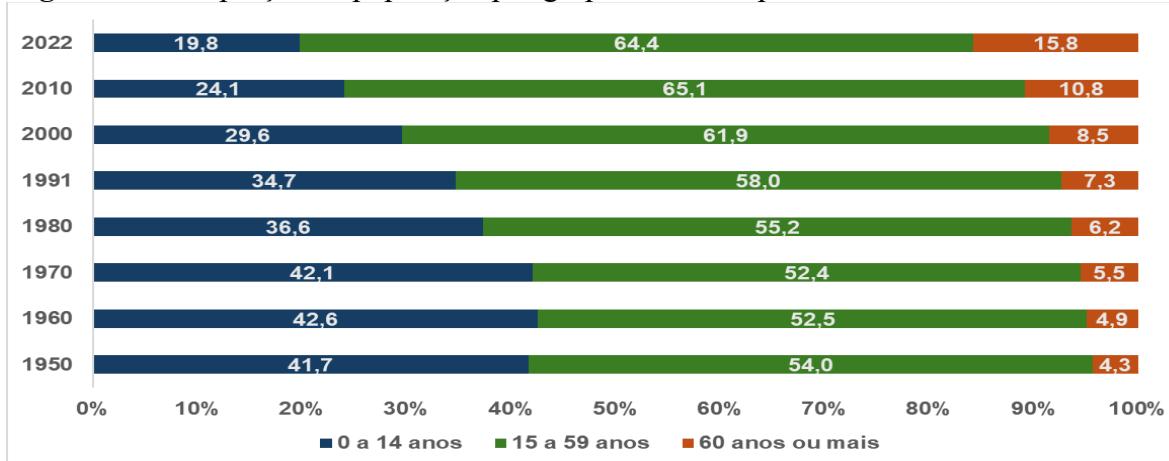
Por fim, a transição demográfica também modifica os arranjos familiares e os comportamentos sociais. A queda da fecundidade, o adiamento da maternidade, o

aumento das uniões consensuais e da coabitação sem filhos são fenômenos crescentes, que indicam uma valorização cada vez maior da autonomia individual e da qualidade de vida. Esses processos estão alinhados às transformações culturais contemporâneas e devem ser compreendidos como parte da dinâmica demográfica. A microrregião de Francisco Beltrão, apesar de seu perfil tradicional, não está imune a essas mudanças, como indicam os dados recentes sobre casamentos tardios e menor número de filhos por mulher.

Concomitantemente à queda da fecundidade e da mortalidade, a expectativa de vida no Brasil aumentou. Em 1980, a média era de 61,7 anos; em 1991, passou para 65,6 anos; e, em 2000, alcançou 68,6 anos, em 2010 chegou aos 73,4 anos e, em 2022, já era de 75,5 anos. Esses dados evidenciam o processo de envelhecimento populacional e o crescimento proporcional dos segmentos de maior idade (IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022).

A evolução da composição etária da população brasileira entre 1950 e 2022 (Figura 12) revela profundas transformações demográficas. A proporção de indivíduos entre 0 e 14 anos caiu significativamente, passando de 41,7% para 19,8%. Por outro lado, a população considerada economicamente ativa, entre 15 e 59 anos, aumentou de 54,0% para 64,4%. Já o grupo de idosos apresentou crescimento expressivo, saltando de 4,3% do total em 1950 para 15,8% em 2022 (IBGE, 1950, 2022).

Figura 12 – Proporção da população por grupos etários específicos, Brasil, 1950 - 2022

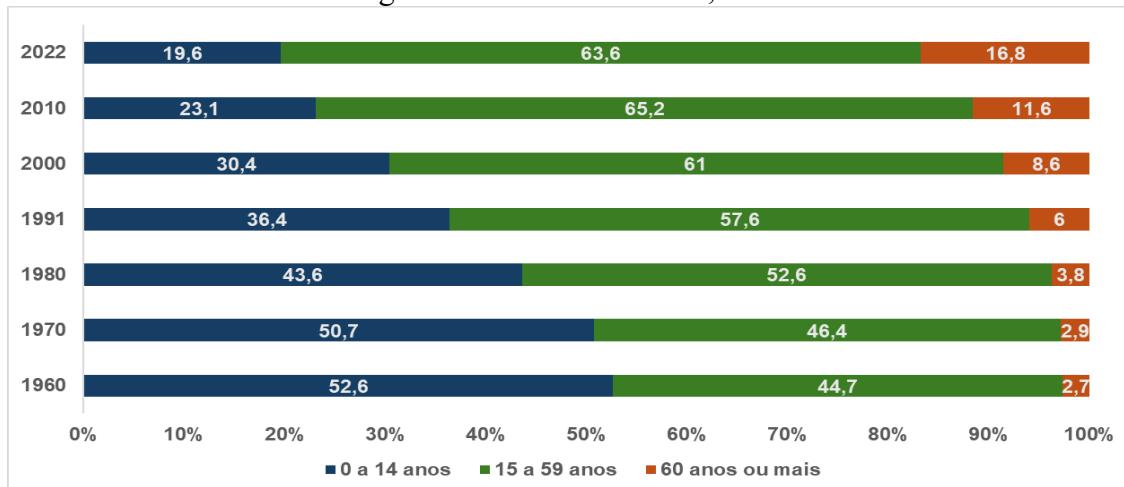


Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022.
 Elaboração dos autores.

De forma semelhante ao padrão observado em nível nacional, ainda que com

particularidades locais, conforme ilustrado nas Figuras 9 a 11, a evolução da composição etária da população da Microrregião entre 1960 e 2022 (Figura 13) acompanha a tendência demográfica brasileira. A proporção de indivíduos com idade entre 0 e 14 anos apresentou uma redução significativa, passando de 52,6% para 19,6%. Em contrapartida, a população considerada economicamente ativa, compreendida entre 15 e 59 anos, aumentou de 44,7% para 64,4%. Já o grupo de idosos registrou crescimento expressivo, elevando-se de 2,7% do total em 1950 para 16,8% em 2022 (IBGE, 1960, 2022).

Figura 13 – Proporção da população residente por grupos etários específicos, Microrregião de Francisco Beltrão, 1960 - 2022



Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 e 2022).
 Elaboração dos autores.

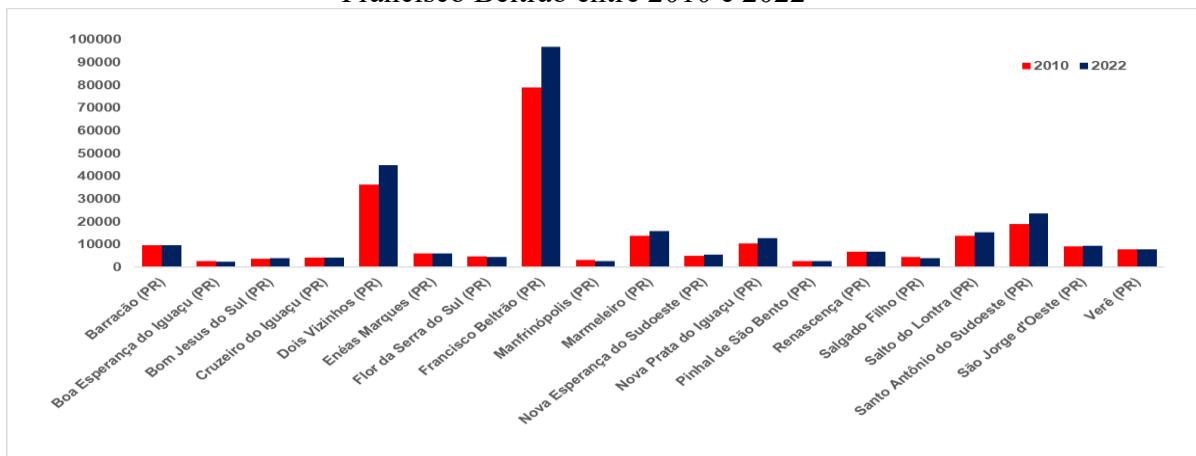
Um estudo conduzido por Monteiro e Lautert (2023), sobre a dinâmica demográfica nos municípios paranaenses com base nos censos de 1991 a 2022, identificou que, em 2022, mais da metade dos municípios do Paraná, 202 dos 399 existentes, apresentava uma proporção de pessoas com 60 anos ou mais superior à média estadual de 12,86%. Os autores também destacaram que muitos desses municípios, com elevada proporção de idosos, registraram perda populacional entre 2010 e 2022, o que pode estar associado ao processo de envelhecimento.

Ressalta-se que todos os municípios analisados da Microrregião de Francisco Beltrão apresentaram percentuais de idosos superiores à média estadual e nacional (figura 12), o que refletiram na composição de idosos da microrregião (figura 13).

A análise da variação populacional dos municípios que compõem a microrregião de Francisco Beltrão, no período de 2010 a 2022, evidencia comportamentos demográficos distintos. Municípios como Boa Esperança do Iguaçu (11,1%), Cruzeiro do

Iguaçu (3,4%), Enéas Marques (1,7%), Flor da Serra do Sul (7,6%), Manfrinópolis (11,4%) e Salgado Filho (7,4%) registraram redução no número de habitantes, resultado que corrobora observações descritas em estudos anteriores. Barracão (0,2%), Renascença (0,5%) e Verê (0,7%) apresentaram crescimento populacional discreto, enquanto Bom Jesus do Sul (4,8%), Nova Esperança do Sudoeste (9,8%), Pinhal de São Bento (5,2%) e São Jorge d’Oeste (3,2%) demonstraram expansão demográfica moderada. Em contrapartida, Dois Vizinhos (24,0%), Francisco Beltrão (22,5%), Marmeleiro (14,4%), Salto do Lontra (11,2%) e Santo Antônio do Sudoeste (25,3%) destacaram-se por um crescimento mais acentuado, associado, principalmente, à maior dinamização de suas economias (Figura 14) (IBGE, 2010, 2022).

Figura 14 - Variação populacional dos municípios integrantes da Microrregião de Francisco Beltrão entre 2010 e 2022



Fonte: IBGE – Censos Demográficos, 2010; 2022. Elaboração dos autores.

Os dados analisados indicam que, tanto no Brasil quanto na microrregião de Francisco Beltrão, a população é predominantemente urbana e apresenta maior proporção de mulheres em relação aos homens. Em 2022, a população brasileira totalizava 203.062.512 habitantes, sendo 48,5% do sexo masculino e 51,5% do sexo feminino, enquanto a microrregião contava com 279.079 habitantes, dos quais 49,7% eram homens e 50,3% mulheres.

Observa-se também uma diminuição relativa da população infantil e um aumento expressivo da população idosa, sobretudo na faixa etária de 80 anos ou mais. Esse envelhecimento populacional implica mudanças significativas nas demandas sociais e econômicas, como o aumento dos gastos com previdência social e assistência a pessoas

dependentes devido a condições como demência e doença de Alzheimer, e a redução da necessidade de investimentos em educação básica. Além disso, a transição epidemiológica resulta em menor incidência de doenças associadas à mortalidade infantil e maior prevalência de doenças crônicas e degenerativas, exigindo readequação das políticas públicas de saúde.

Ao finalizar essa análise, como previamente informado na introdução, esse artigo é desdobramento de estudo anterior (Bento; Casaril, 2004) que como resultado apresentava uma característica predominante da população rural na microrregião (exceto em Francisco Beltrão e Dois Vizinhos), com altas taxas de natalidade e poucas pessoas idosas. Salienta-se também que a partir dos anos de 1970 começou a queda da taxa de fecundidade e, consequentemente diminuição do número de crianças houve um processo migratório, especialmente do campo para a cidade e um crescente avanço no número de idosos.

Já o presente estudo, como diferencial, destacou sobretudo que a população da microrregião de Francisco Beltrão, a partir dos dois últimos censos demográficos (IBGE, 2010, 2022) passou por relevantes transformações em sua dinâmica, ou seja, tornou-se predominantemente urbana, com baixa taxa de fecundidade e elevada população idosa.

Considerações finais

Nas últimas seis décadas, a microrregião de Francisco Beltrão passou por transformações profundas em sua estrutura etária, evidenciando um processo avançado de transição demográfica. O percurso identificado nas pirâmides etárias, da base larga e predominantemente jovem em 1960 à configuração verticalizada de 2022, demonstra a expressiva redução da fecundidade e mortalidade, associada ao aumento da expectativa de vida e à ampliação da população idosa. Embora tais transformações acompanhem a tendência nacional, elas se manifestam com características próprias, como a significativa emigração de jovens e adultos economicamente ativos, o que intensifica o envelhecimento relativo e compromete o pleno aproveitamento do bônus demográfico.

O município de Francisco Beltrão, por sua vez, consolida-se como centro regional, atraindo população e concentrando serviços, o que mascara desigualdades observadas nos municípios vizinhos. Esse quadro evidencia que o envelhecimento populacional não pode ser compreendido apenas em termos numéricos, mas como um fenômeno que reconfigura

relações sociais, econômicas e territoriais. A migração, a predominância da população urbana e a intensificação da transição epidemiológica, marcada pela prevalência de doenças crônicas e degenerativas, reforçam a urgência de políticas públicas direcionadas ao novo perfil populacional.

Nesse contexto, torna-se fundamental que gestores públicos, pesquisadores e a sociedade civil considerem o envelhecimento como um fenômeno transversal, que exige políticas intersetoriais articulando saúde, previdência, mercado de trabalho, mobilidade urbana e lazer. Além disso, o estudo destaca a necessidade de estratégias voltadas à retenção da juventude, à diversificação econômica e à ampliação das oportunidades locais, evitando que a microrregião perca continuamente parte de sua população economicamente ativa.

Os resultados aqui apresentados indicam que a microrregião de Francisco Beltrão já vivencia um estágio maduro da transição demográfica, cuja sustentação do desenvolvimento econômico e social dependerá da capacidade de adaptação das municipalidades às novas demandas geradas pelo envelhecimento populacional. O desafio colocado não é apenas lidar com uma população mais idosa, mas garantir que este envelhecimento ocorra com dignidade, qualidade de vida e integração social, de modo a transformar um cenário de pressões em uma oportunidade para a construção de um território mais inclusivo, sustentável e resiliente.

Referências

- ALVES, J. E. D. **Transição da fecundidade e relações de gênero no Brasil.** 1994. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- ALVES, J. E. D. Bônus demográfico no Brasil: do nascimento tardio à morte precoce pela Covid-19. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 37, n. 1, p. 1-18, jan./mar. 2020.
- ALVES, J. E. D. **Demografia e economia nos 200 anos da Independência do Brasil e cenários para o século XXI.** São Paulo: Editora X, 2022.
- BENTO, K. B. P.; CASARIL, C. C. Breve Análise da Transição Demográfica da Microrregião de Francisco Beltrão, PR. **Revista Faz Ciência**, v. 6, n. 1, p. 319-332, 2004.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 3 out. 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRITO, F. *et al.* **A transição demográfica e as políticas públicas no Brasil:** crescimento demográfico, transição da estrutura etária e migrações internacionais. Brasília: SAE, 2007. Disponível em: <<https://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20318.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CALDWELL, J. C. **Demographic Transition Theory.** Dordrecht: Springer, 2006.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil:** panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: Ipea, 1999. (Texto para discussão nº 621).

CARVALHO, J. A. M. de; WONG, L. L. R. La transición de la fecundidad en Brasil: causas y consecuencia. **Notas de Población**, n. 56, dez. 1992.

CHAIMOWICZ, F.; CHAIMOWICZ, G. F. O envelhecimento populacional brasileiro. **Pista: Periódico Interdisciplinar**, v. 4, n. 2, p. 6-26, ago./nov. 2019.

CORRÊA, D. A. *et al.* Impactos do bônus demográfico para gestão de pessoas. **R. Adm. FACES Journal**, v. 15, n. 3, p. 69-87, jul./set. 2016.

CUNHA, M. S.; VASCONCELOS, M. R. Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro. **Nova Economia**, v. 26, n. 1, p. 179-206, ago. 2016.

DE PINTOR, E.; DA SILVA, G. M.; RIPPEL, R. Estrutura etária da população do Paraná entre 1970 e 2010. **Economia & Região**, v. 2, n. 1, p. 79–82, jan./jul. 2014.

FERNANDEZ, R. F.; CARVALHO, J. A. M. de. A evolução da fecundidade no Brasil, período 1957-1979. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 3, n. 2, dez. 1986.

GEORGE, P. **Geografia da população.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

GENDELL, M. Fertility and development in Brazil. **Demography**, v. 4, n. 1, p. 143-57, mar. 1967.

GONÇALVES, G. Q. *et al.* A transição da fecundidade no Brasil ao longo do século XX – uma perspectiva regional. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, n. 1, p. 1-34, jan. 2019.

GUIMARÃES, R. M.; ANDRADE, F. C. D. O paradoxo de Simpson: um estudo de caso demográfico sobre dinâmica da população, pobreza e desigualdade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, p. 4453-4469, out. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico, 1960.** Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

IBGE. **Censo Demográfico, 1970.** Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

IBGE. **Censo Demográfico, 1980.** Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas.** Rio de Janeiro: IBGE, v.1, 1990. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=22269>>. Acesso em: 10/02/2022.

IBGE. **Censo Demográfico, 1991.** Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IBGE. **Censo Demográfico, 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE. **Censo Demográfico, 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias 2017.** Rio de Janeiro, IBGE, 2017, 83 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>>. Acesso em: 18/02/2022.

IBGE. **Censo Demográfico, 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KLEINKE, M. de L. *et al.* Movimento migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes. In: 2º ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO – PERSPECTIVAS REGIONAIS DA DINÂMICA MIGRATÓRIA NO BRASIL. *Anais...* Ouro Preto, 1999.

MARTINE, G. Brazil's fertility decline, 1965-95: a fresh look at key factors. **Population and Development Review**, v. 22, n. 1, p. 47-75, mar. 1996.

MONDARDO, M. L. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudoeste ao longo do século XX. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v. 28, n.1, p.103-131, jan./jun. 2011.

MONTEIRO, R. R.; LAUTERT, L. F. C. Demografia nos municípios paranaenses – análise dos censos 1991 a 2022. **Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 61, dez. 2023.

OLIVEIRA, A. S. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Hygeia**, v. 15, n. 31, p. 69-79, jun. 2019.

PAIVA, P. T.; WAJNMAN, S. Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 22, n. 2, p. 303-322, jul./dez. 2005.

PERROUX, F. O conceito de pólo de crescimento. In: FAISSOL, S. **Urbanização e regionalização: relações com o desenvolvimento econômico.** Rio de Janeiro: IBGE, 1975, p. 97-110.

RIBEIRO, A. I. **Métodos em demografia.** Porto: Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, 2023.

RIGOTTI, J. I. R. Transição Demográfica. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 467-490, 2012.

RIOS-NETO, E. L. G. Questões emergentes na análise demográfica: o caso brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 22, n. 2, p. 371–408, 2005.

ROSEN, B. C.; SIMMONS, A. B. Industrialization, family and fertility: a structural-psychological analysis of the Brazilian case. **Demography**, v. 8, n. 1, p. 49-69, 1971.

SILVA, J. A.; SILVA, W. G.; GOMES, T. G. P. Transição demográfica e janela de oportunidade no Brasil. **Revista Princípios**, n. 172, p. 297–317, jan./abr. 2025.

SINGER, P. **Economia política da urbanização.** 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1981.

TRAVASSOS, G. F. *et al.* The elderly in Brazil: demographic transition, profile, and socioeconomic condition. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 37, n. 1, p. 1-27, jan./mar. 2020.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 21, n. 4, p. 1-10, dez. 2012.

WONG, L. L. R. Fecundidade no Brasil (urbano e rural) – aplicação do Método dos Filhos Próprios ao Censo de 1970. **Informe Demográfico**, v. 1, n. 9, p. 53-98, 1983a.

WONG, L. L. R. Níveis e tendências da fecundidade nas diversas regiões do Brasil – aplicação do Método dos Filhos Próprios ao Censo de 1970. **Informe Demográfico** 1, v. 1, n. 9, p. 99-140, 1983b.

ZUANAZZI, P. T.; STAMPE, M. Z. A **transição demográfica no Rio Grande do Sul e seus impactos econômicos**. In: PICHLER, W. A. *et al.* (org.). Panorama socioeconômico e perspectivas para a economia gaúcha. Porto Alegre: FEE, 2014.

*Recebido em 14 de abril de 2025.
Aceito em 22 de outubro de 2025.
Publicado em 18 de novembro de 2025.*